



## EDUCAÇÃO, ESTÉTICA E FORMAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE?

### ÉDUCATION, ESTHÉTIQUE ET FORMATION : UNE POSSIBILITÉ ?

*Guilherme Batista Vieira Manso*

---

Mestre em Educação pelo PPGE/UEG, Campus Inhumas  
[guivieira.gv23@gmail.com](mailto:guivieira.gv23@gmail.com)

*Liliane Barros de Almeida*

---

Doutora em Educação pelo PPGE/UFG. Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEG e da Graduação em Pedagogia da PUC-Goiás.

[lba.liliane@gmail.com](mailto:lba.liliane@gmail.com)

#### Resumo

A proposta discursiva deste texto baseia-se na intenção de correlacionar educação e estética, com vistas a compreender a educação como *práxis* social e a estética como eixo filosófico que estuda questões relacionadas à arte, à beleza, à sensibilidade e à imaginação. Trata-se de explorar a proximidade entre educação e cultura como possibilidade de aliar estética e educação. Em nossos esforços, levantamos dois autores: Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Mikel Dufrenne (1910-1995), a fim de confrontar suas ideias, o que nos levou a supor que o estudo estético envolve sistematicamente a compreensão do ser humano e a sua condição existencial, a sua educação, a sua cultura, bem como as suas formas de expressão e criação artística. Nossas reflexões revelaram-se fecundas, mesmo que embrionárias, ao verificar na experiência estética uma possibilidade de ressignificação sobre o caráter formativo da arte.

**Palavras-chave:** Educação, Estética, Formação.

#### Résumé

La proposition discursive de ce texte est basée sur l'intention de corrélérer l'éducation et l'esthétique, en vue de comprendre l'éducation comme une *práxis* sociale et l'esthétique comme un axe philosophique qui étudie les questions liées à l'art, à la beauté, à la sensibilité et à l'imaginaire. Il s'agit d'explorer la proximité entre l'éducation et la culture comme une possibilité de conjugaison entre l'esthétique et l'éducation. Dans nos efforts, nous avons soulevé deux auteurs: Jean-Paul Sartre (1905-1980) et Mikel Dufrenne (1910-1995), afin de confronter leurs idées, ce qui nous a amenés à supposer que l'étude esthétique implique systématiquement la compréhension de l'être humain et de sa condition existentielle, de son éducation, de sa culture, ainsi que de ses formes d'expression et de création artistiques. Nos réflexions se sont avérées fructueuses, mais encore embryonnaires, en vérifiant dans l'expérience esthétique une possibilité de ressignification sur le caractère formateur de l'art.

**Mots-clés:** Éducation, Esthétique, Formation

## **1. Introdução**

Nesse texto procura-se defender a educação como *práxis* social, ou seja, compreender que é ação que transcende o espaço e o tempo da escola, pois se faz presente nas mais diversas dimensões da vida humana na cultura e na sociedade. Onde há humanos há educação. Assim, pensar de forma ampla a relação entre estética, educação e formação, se mostrou como uma tarefa complexa e necessária, pois a estética influencia diretamente a forma como percebemos, compreendemos e nos envolvemos com o mundo ao nosso redor. Dessa forma, a estética é sempre possibilidade enriquecedora e estimulante do pensamento e da formação humana.

A tomada de uma discussão estética para e com a educação, não se deu antes de uma caracterização do seu próprio campo de estudo. O que nos levou a uma série de questionamentos e reflexões filosóficas relativas ao belo, à sensibilidade, à percepção, à sensação e ao imaginário, que perpassam uma ampla gama de aspectos humanos. A questão da estética, do modo como a abordamos no texto, está longe de encerrar as discussões sobre a relação entre estética e educação.

De modo geral, buscamos esclarecer melhor o que compreendemos por estética, levando-nos a uma escolha epistêmica de desenvolver essa compreensão sob a ótica de dois autores específicos, nos quais centramos a reflexão. A partir de Sartre (1905-1980), observamos a emergência da necessidade de engajamento e da tomada de posicionamento, pois no conceito de liberdade apresentado pelo autor, encontramos também a noção de que o ser humano se faz de modo coletivo, em face ao outro e que nossas ações são significativas e nos tornamos o que somos na medida em que “dizemos” aos outros o que eles são, assim a pertinência de reconhecer a condição do ser humano como um ter-de-se-fazer, implica assumir que nossas ações são significativas e constituintes de nossa realidade. Noção válida para a educação que se caracteriza como *práxis* social, ou seja, que é iminentemente formação, pois resgata o fazer humano como possibilidade de superação do instituído.

A questão da arte se encontra no escopo da estética, no entanto, essa mesma arte como observaremos por meio das proposições sartreanas, não se fecha em si mesma. O que se segue após as questões de Sartre, parece ser um ponto de inflexão, porém ao buscarmos a estética pela perspectiva de Dufrenne (1910-1995), observamos a necessidade de trazer para o debate a experiência estética como uma possibilidade formadora, que resgata as artes como objetos significativos, mais passíveis de interrogação e crítica, abrindo-nos a considerar que trabalhar com as artes implica um olhar cuidadoso e atento.

## 2. Desenvolvimento

Ao questionarmos o sentido da educação contemporânea, seus meandros e seus contornos, somos impelidos a refletir sobre o que ela é, e as possíveis formas de intervir no contínuo curso do movimento formativo. Mais do que apenas simples transmissão de saberes socialmente válidos e úteis ao mercado de trabalho e ao aumento da produção mercantil, a educação carrega em seu cerne uma densa e complexa gama de discussões que perpassam por incontáveis outras dimensões do humano, como a cultura, a arte e a política (somente para citar algumas dessas dimensões). Deste modo, de antemão asseguramos que

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2007, p. 7)

Por meio das acepções redigidas por Brandão, aproximamo-nos da caracterização da educação como *práxis*<sup>1</sup> social, ou seja, como uma forma de realizar o humano em suas mais variadas possibilidades, como um modo de continua reconstituição do saber e da cultura. Sendo essa cultura, “permanente criação de significados, ideias, pensamento, conhecimento, teoria, prática, formas de expressão, obras de ciência, tecnologia, letras, artes e filosofia, bem como valores, direitos, desejos, sonhos e utopias” (COÊLHO, 2008, p. 1). A educação reincide sobre a cultura, donde uma afeta e modifica a outra. A cultura cria educação, ao passo que a educação transforma a cultura, a vida e a sociedade.

Assim, a educação poderá ser descrita como um constante esforço de superação do instituído, do que está posto e que exige transcendência, no sentido de superar aquilo que surge diante de nós, como o próprio modo de produção e manutenção da vida. De acordo com Almeida (2019), a educação consiste em uma forma de edificar a existência, uma “maneira livre de escolher e se fazer por meio dos atos, possibilidade de ação livre e contínua” (*Ibidem*, p. 17). Diante disso, julgamos também ser necessário que estejamos conscientes de que essa mesma educação que se desenha como livre possibilidade de ação pode ser demasiadamente solapada pelo exercício de um poder despótico, que tende a transformá-la em uma ferramenta de coerção e supressão.

Daí surge a necessidade de questioná-la, de constantemente repensar seus moldes, seu propósito e sua realização, pois “a mesma educação que ensina pode deseducar: e pode

<sup>1</sup> Derivação de *práxis*— “ato, atividade, ação cujos fins não se situam fora dela, mas nela mesma; supõe vontade, escolha racional, opção refletida, pensada [...]” (COÊLHO, 2009, p. 19)

correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 12). É justamente pela constatação de que a educação — não — se resume a um modo pré-fabricado de formar homens<sup>2</sup>, é ação livre e dialética, que devemos nos debruçar sobre ela como uma *práxis* social, um fazer que reincide sobre si mesmo e que se encontra em um constante movimento de constituição e reconstituição. E como podemos observar empiricamente, a educação ao longo da história assumiu e tem assumido diferentes e múltiplas formas, formas essas que tem continuamente se alterado pela força do modo de produção e da cultura, enfim, da ação humana no mundo, o modo como concebemos e afirmamos nossa existência, que é plural, diversificado e incerto, afirmação que reforça a necessidade de nos mantermos atentos aos rumos destas transformações.

Como ressaltamos, educação e cultura, apesar de serem conceitos distintos, guardam estreita relação entre si e é essa proximidade que intentamos explorar ao buscarmos a pertinência da discussão estética à área da educação. Para tal, cremos ser preciso, antes de prosseguirmos, uma breve, porém côncia definição do que julgamos ser do âmbito da estética e o que é, ou do que se tratam os estudos comumente abordados por ela.

De acordo com Jimenez (1999) a palavra estética ou *Aesthetics*, com o sentido o qual é empregado contemporaneamente, data do século XVIII e tem como principal expoente e percussor, Alexander Gottlieb Baumgarten. “[...] a nova disciplina criada por Baumgarten, [...] é, o estudo científico e filosófico da arte e do belo” (*Ibidem*, p. 18). E ainda segundo Abbagnano (2007, p. 367), Baumgarten “defendia a tese de que são objeto da arte as representações confusas, mas claras, isto é, sensíveis mas ‘perfeitas’, enquanto são objeto do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos)”. Para Jimenez (1999, p. 19), o filósofo alemão buscou instituir uma “ciência do conhecimento e das representações sensíveis” que mais tarde seria nomeada como estética.

Apesar de Baumgarten ter cunhado o sentido atual do termo, e influenciado muitos de seus contemporâneos como Schlegel, Schiller e Kant, é possível observar que a definição hodierna da palavra estética, não apaga as marcas deixadas por seus predecessores. Como podemos notar, desde a antiguidade, os gregos já erigiam esforços em suas reflexões sobre a arte e a beleza. De acordo com o dicionário de filosofia Abbagnano (2007, p. 367)

A doutrina da arte era chamada pelos antigos com o nome de seu próprio objeto, *poética*, ou seja, arte produtiva, produtiva de imagens [...] enquanto o belo não se incluía na poética e era considerado à parte [...] para Platão, o belo é a manifestação evidente das Ideias (isto é, dos valores), sendo, por isso, a via de

<sup>2</sup> A palavra homem é empregada no sentido de expressar a ideia de *Ánthropos*, “homem em sentido genérico, incluindo homem e a mulher, ser humano” (COÊLHO, 2009, p. 3). Ressaltamos também, que neste texto, este será o sentido que atribuiremos ao termo homem nas partes que se seguirão.

acesso mais fácil e óbvia a tais valores [...]a arte é a imitação das coisas sensíveis ou dos acontecimentos que se desenrolam no mundo sensível [...]. (grifos do autor)

Assim, evidenciamos que os empreendimentos que resultaram na cunhagem da palavra estética (*Aesthetics*), não se deram em um curto período de tempo, mas antes, foram sendo polidos pela e na história, até que se chegasse à definição atual. Contudo, o caráter não linear das discussões em torno da estética, para Jimenez (1999), é que nos permite intuir que a mesma possui uma ímpar gama de definições. Enquanto na tradição grega a questão do belo era apartada das questões da arte “hoje, esse substantivo [estética] designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independentemente de doutrinas ou escolas” (ABBAGNANO, 2007, p. 367).

Ainda para Jimenez (1999) o objeto de estudo da estética é indubbiamente a arte, no entanto, o autor destaca que ao se pensar em uma constituição histórica, permeando os principais temas discutidos por ela, estaríamos frente a questões que envolvem não só a arte e belo, “mas a história da *sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuraram valorizar o conhecimento sensível*, dito inferior, como contraponto ao privilégio concedido, na civilização ocidental, ao conhecimento racional” (*Ibidem*, s. p. 25 grifo nosso). Apesar de notarmos que historicamente, a problemática ligada à reflexão sobre a estética ficou por vezes relegadas a um segundo plano, ainda nos desperta curiosidade, possíveis investigações sobre o tema.

Ao fazermos este adendo, nossa intenção foi expor mesmo que brevemente, algumas das várias formas as quais a estética se configurou no passado, antes mesmo de ser assim nomeada e como esse campo de estudo se tornou o que podemos dizer hoje, como um — eixo filosófico que investiga e questiona temas relacionados à beleza, à sensibilidade e à arte. Cientes das questões em torno da estética atual, acreditamos que uma definição unitária da mesma não seria possível, porém em nosso breve relato pudemos perceber certos aspectos em comum diante de abordagens distintas e são justamente esses aspectos que nos dão certa estabilidade para discutirmos neste texto.

Essa é a definição com a qual pretendemos caminhar ao longo deste texto. E é diante desta definição, que nos voltamos às questões da educação por meio do seguinte questionamento: *De que forma a integração entre estética e educação pode levar uma reflexão mais profunda sobre os objetivos, métodos e desenvolvimento dos processos educativos, enfim, do sentido da educação e da formação humana?*

Para tratarmos essa questão julgamos ser necessário erigir uma vertente estética específica, neste caso a vertente que por nós será abordada, se ancora na tradição

fenomenológica e existencialista dos séculos XIX e XX. Abordaremos obras de dois autores, em especial, (mas não somente) Mikel Dufrenne, esteta e filósofo francês, nascido em Clermont, 1910 e Jean Paul Sartre, outro francês (parisiense), escritor, dramaturgo e filósofo nascido em 1905. Sartre não redigiu uma estética propriamente, nem mesmo desenvolveu um estudo voltado à educação, mas a imparidade de seu pensamento e a profundidade de suas reflexões certamente nos intrigam.

Ambos, influenciados pela fenomenologia husseriana, nutrem um pensamento vivo e indagador. O existencialismo sartreano, se caracteriza por uma conhecida proposição axiológica, a de que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1987, p. 5-6), para o autor isso “significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (*Ibidem*, p. 6). Sartre (1987) defendeu que esse era o princípio de sua filosofia, para ele isso é a subjetividade, um contínuo projetar-se e a dignidade humana estaria intimamente ligada a consciência (pura intencionalidade) deste projeta-se<sup>3</sup>, que não ocorre em um âmbito estritamente individual, mas sim em face ao outro. “Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens” (SARTRE, 1987, p. 6).

Sartre (2011) esclarece que o modo de ser e existir do ser humano é a própria liberdade, pois com a ausência de um ser superior que a defina de antemão, a humanidade se encontra diante de sua própria condição de ter de se fazer constantemente. Deste modo, mesmo que o autor negue a existência de uma natureza humana definida *a priori*, a liberdade pode ser compreendida dentro de sua filosofia, como uma condição fundamental de nossa espécie. Almeida (2019, p. 16-17) afirma que a liberdade sartreana “não se constitui como essência, pois é liberdade, é possibilidade de criar-se continuamente”. O parisiense afirma que “a liberdade nada é senão a existência de nossa vontade ou nossas paixões, na medida em que tal existência é nadificação da facticidade, ou seja, existência de um ser que é seu ser à maneira do ter-de-ser. (SARTRE, 2011, p. 549). Significa dizer que somos livres à medida em que vivemos e nos realizamos continuamente, projetando nosso ser em meio a realidade, que é também objetividade de nossas condições de vida.

Ainda para Sartre (1987), o homem é liberdade e está condenado a inventar-se a cada instante, o que exige dele uma compreensão de sua condição de ser-no-mundo. Deste

<sup>3</sup> Aqui cabe um pequeno comentário sobre a noção de projeto em Sartre, para ele projetar-se implica não somente agir de forma planejada rumo ao futuro, mas é algo que realizamos de forma constante, pela constatação de que o ser humano seria pura intencionalidade.

modo, chegamos à ideia de engajamento como a assumência da condição de liberdade. Para o autor o ser humano está constantemente escolhendo e ao escolher, agir ou ser de uma determinada forma, ele também projeta sobre sua realidade e sobre o outro, sua forma de ser e seus próprios juízos morais e de valor. Assim, “o valor nada mais é do que o sentido escolhido” (SARTRE, 1987, p. 21). E mesmo os valores estéticos não serão dados de antemão, “contudo existem valores que se tornam visíveis, posteriormente, na própria coerência [...] entre a vontade de criação e o resultado” (*Ibidem*, p. 18). O parisense nos permite intuir que assim como a arte, a moral é uma criação, e o que “importa é saber se a invenção que se faz se faz em nome da liberdade” (*Ibidem*, p. 20), que é fundante em cada ser humano.

O conceito sartreano de liberdade esclarece bem o compromisso ético-político que devemos assumir como parte da espécie, pois uma vez que o homem se humaniza em face ao outro e escolhendo sua humanidade, sua ação não deve visar nada além da liberdade, que “depende integralmente da liberdade dos outros e, [...] da nossa” (SARTRE, 1987, p. 19). Assim, a estética ao se inserir no campo artístico, o da sensibilidade e da imaginação – que é também para Sartre (2022) uma forma da consciência –, lida eminentemente com questões relativas a valoração na arte, que é reflexo também de uma moral subjetiva, uma forma de compreensão de si e do mundo, a do artista, que por sua vez, somente produz ou cria uma obra, fundamentando-se em uma cultura; cultura essa que notavelmente, perfaz a educação e a sociedade e como já lembra Coêlho (2008) é constante criação de valores ideias, ciência, tecnologia, etc.

Deste modo, somos levados à consideração de que as manifestações estéticas-artísticas, expressam formas de ser e viver, maneiras de perceber a realidade. De acordo com Furtado (2009) o trabalho crítico envolvendo a arte “perpassa a atuação valorativa, a liberdade, a alteridade, o entendimento da dupla dimensão da arte enquanto *processo solitário*, intuitivo, sensível, e coletivo, racional repleto de sentidos subjetivados” (*Ibidem*, p. 139 grifos da autora) e essa reflexão interessa muito à educação, pois como lembra a autora poderá permitir conjugar estética e educação. Assim, a educação que tem como norte o compromisso firmado na e pela liberdade, irá então se preocupar em

formar seres racionais e livres que possam pensar e agir de modo diferente uns dos outros, à luz de um “pro-jeto” de existência sociopolítica e pessoal fundado na liberdade, na criação de direitos, na igualdade, na justiça, na humanização de todos os homens e mulheres. Pessoas que assumam lucidamente o trabalho, o prazer e o risco de pensar e de contestar a realidade existente, de criar realidades que não existem, mas são exigidas pela história [...] (COÊLHO; GUIMARÃES, 2012, p. 334)

Refletir sobre as manifestações artísticas é tarefa concernente ao âmbito da estética, quanto a isso não temos dúvidas, mas como podemos esperar que a estética nos forneça elementos suficientes para que as discussões do seu próprio campo de estudo, mobilizem esforços para com a educação? Se concordamos com Sartre (1987) ao afirmar que, o valor é mais um sentido a ser escolhido, quais critérios poderíamos considerar para determinar o valor de uma obra de arte? O sentimento nos daria uma resposta? Ou até mesmo teríamos de considerar vários aspectos históricos, incluído componentes geográficos e culturais? A posição sartreana em relação a arte é bem descrita na obra, *Que é a literatura*, (em francês, *Qu'est-ce que la littérature*), publicada pela primeira vez poucos anos após o fim da segunda guerra mundial.

No texto, o autor contraria a ideia de que no fundo exista apenas uma única arte e afirma não ter dúvidas “de que as artes de uma mesma época se influenciam mutuamente e são condicionadas pelos mesmos fatores sociais” (SARTRE, 1993, p. 10). Para ele não há um paralelismo entre as artes, mas sim uma diferença fundamental, “aqui como em tudo mais, não é apenas a forma que diferencia, mas também a matéria; uma coisa é trabalhar com sons e cores outra é expressar-se com palavras” (*Ibidem*, p. 10). Para o parisiense “pode-se encontrar sem dúvida, na origem de toda valoração artística, uma certa escolha indiferenciada que as circunstâncias, a educação e o contato com o mundo só mais tarde irão particularizar” (*Ibidem*, p. 9). O autor levanta uma série de questões com relação às artes, em particular pela forma como elas lidam com a linguagem, que para ele é como “um prolongamento dos nossos sentidos” (*Ibidem*, p. 19), levando-nos a concordar que “não existe qualidade ou sensação tão despojadas que não estejam impregnadas de significação” (*Ibidem*, p. 10).

Sartre (1993) faz uma cônica distinção entre a literatura e as demais artes, dentro do pensamento sartreano a prosa é a modalidade que mais exige engajamento, tornado o ofício do escritor distinto ao do músico, do pintor ou do poeta, pela constatação de que o escritor lida diretamente com as palavras, ao passo que as demais artes abarcam outros elementos, além do puro signo, o que resulta na possibilidade de interpretações ambíguas e, ou mais subjetivas. Sem dúvidas para o autor a literatura ocupa um lugar de destaque entre as artes, mas seria justo supor uma inferioridade linguística às demais artes? Talvez aqui tenhamos um ponto de tensão em Sartre (1993, p. 12) ao afirmar que “não se pintam significados não se transformam significados em música; sendo assim quem ousaria exigir do pintor ou do músico que se engajem?” O autor nos põe diante de um grande questionamento, se engajar-se, perpassa o exercício de constantemente termos de nos perceber em meio a

realidade, e nos assumirmos como seres livres, as mesmas perguntas realizadas por Sartre (1993) ao escritor (o que, por que, e para quem se escreve) poderão ser feita ao pintor, ao músico ou ao poeta, quais seriam os propósitos de suas criações?

Sem dúvidas concordamos com a proposição sartreana de a literatura é uma arte distinta, por ter na prosa seu fundamento, ou seja, se ancorar nas palavras, no signo, que transporta graças a linguagem, conceitos, ideias e o sentido de modo singular. No entanto, por que não poderíamos esperar do pintor, do músico, ou do poeta, o mesmo intento de realizar sua existência de modo livre e engajado? O pintor ou o músico não são antes isentos de engajar-se? Seus ofícios não os destituem da condição de seres políticos, no sentido de que edificam sua existência em relação a uma cultura e uma sociedade que se encontram em constante transformação. Cremos que todas as artes exijam comprometimento, indo além do puro entretenimento, e mesmo que a escolha por tal forma ou estilo, se de em um âmbito ainda muito subjetivo, a forma de se expressar do próprio artista pode revelar sua visão, sobre pelo menos parte da realidade. Essa representação é intersubjetiva e mesmo que “para o artista, a cor, o aroma, o tinido da colher no pires” sejam “*coisas* em grau máximo” e ele transporte para a tela apenas uma modificação que se revelará com um objeto imaginário (SARTRE, 1993, p. 10), essa modificação não ocorre em um plano estritamente individual ou puramente estético, é uma modificação consciente que se realiza de forma deliberada e é constituída pela forma como o artista percebe a sociedade.

A linguagem pode até se tornar embaralhada e confusa, mas um quadro, uma música, até a mais singela poesia acabam exigindo expressão e sentido, isso porque, como o próprio Sartre (1993, p. 10) afirmara “não existe qualidade ou sensação tão despojadas que não estejam impregnadas de significação”. Seja uma música, pintura, ou poema, todos carregam e estão encharcados de significação. É certo que a discussão sartreana ainda nos pode provocar e oferecer muitos outros pontos de debate<sup>4</sup>, no entanto, para prosseguirmos em nossa discussão, lembramos que neste texto o que mais nos importa é buscar subsídios que nos permitam conjugar o campo estético à educação, nesse sentido procuramos refletir sobre uma educação que “não é treino, reprodução, adestramento ou doutrinação, mas pensamento e ação” (ALMEIDA, 2019, p. 104), o que almejamos é buscar elementos que

<sup>4</sup> Isso porque Sartre (1993) se volta enfaticamente à discussão sobre a literatura, mas aborda outras artes, e também destaca as faltas da prosa afirmando “que em toda poesia está presente uma certa forma de prosa, isto é, de êxito; e reciprocamente, a prosa mais seca encerra sempre um pouco de poesia, isto é, certa forma de fracasso; nenhum prosador, mesmo o mais lúcido, entende *plenamente* o quer dizer; ou diz demais ou não diz o suficiente, cada frase é um desafio, um risco assumido; quanto mais se vacila mais a palavra se singulariza ninguém como mostrou Valéry, consegue compreender uma palavra até o fundo. (*Ibidem*, p. 32)

nos permitam pensar a formação humana de forma plena, nesse sentido o texto sartreano não deixa de ser estimulante. E isso, porque como podemos compreender

Sartre não cansou de afirmar o homem como projeto, inacabamento que procura se definir constantemente, aprendendo e ensinando a sermos homens entre homens. Para ele a única maneira de aprender seria assumindo a postura de busca pelo saber, contestando continuamente o que está posto, porque o conhecimento e o saber também são inacabamento, fazem-se com e pela realidade humana. (ALMEIDA, 2019, p. 112)

Ademais, a investigação sobre as questões estéticas, nos leva a concordar que “a familiaridade com cores, as ideias, as linhas, as formas as noções de densidade e de volume, contribui para o alargamento desse olhar crítico, criador e sensível às coisas do mundo” (FURTADO, 2009, p. 139), o que para Furtado pode ser uma ferramenta pertinente para “identificar linguagens artísticas” e “recuperar a expressão perdida nos equívocos do ensino predominantemente racionalista” (*Ibidem*). Assim, entramos no âmbito da discussão estética proposta por Dufrenne (1910-1995). Se o debate sartreano, foi extremamente frutífero e nos levou à consideração de que as artes são antes de tudo criação do humano, seres livres e responsáveis por constituírem continuamente sua existência, o autor nos colocou diante uma encruzilhada sobre outras questões relativas à noção do engajamento nas artes de modo geral, vejamos se a filosofia de Dufrenne poderá nos oferecer elementos para avançarmos em nossa discussão.

Na introdução à edição brasileira de *Estética e filosofia* (em francês *Esthétique et philosophie*) escrita por Dufrenne, traduzida para o português por Roberto Figurelli no ano de 2004, é possível perceber algumas considerações instigantes feitas pelo tradutor, que afirma, que apesar da obra de Dufrenne ser comumente dividida “em dois setores: estética e filosofia. [...] devemos observar que não existe uma separação nítida entre os dois campos. A estética, para Dufrenne, é filosofia” (FIGURELLI, 2004, p. 8). Figurelli (2004, p. 9) ainda destaca que “seus livros são o fruto de um pensamento ágil e indagador, aberto ao contato vivificante com a experiência e disposto a repensar os dados do passado”.

Dufrenne (2004) redige densos debates sobre uma ampla gama de problemas relativos à arte e para ele “é suficiente compreender que a arte espontânea exprime o liame do homem com a Natureza. E é nisto que a estética vai meditar: ao considerar uma experiência original, ela reconduz o pensamento e, talvez a consciência à origem” (DUFRENNE, 2004, p. 23-24). Para o autor essa é sua maior contribuição à filosofia, inclusive, para ele a estética somente pode se realizar no interior de uma filosofia. O autor nos permite intuir que na verdade a estética se liga a questões culturais e históricas, mas além disso ela se preocupará “em apreender o fundamental” (*Ibidem*, p. 24). Segundo o autor “o

que torna possível a experiência estética é sempre a questão crítica” (*Ibidem*), que envolve diretamente uma retomada desta crítica rumo às questões fenomenológicas e ontológicas.

Talvez uma das questões mais fundamentais abordadas pelo ator, no texto *estética e filosofia*, esteja ancorada no questionamento: o que é o homem como um ser sensível, “sensível ao belo, isto é, enquanto capaz de apreciar a beleza segundo a normatividade do gosto, e de produzi-la segundo os poderes da imaginação?” (*Ibidem*). Para Dufrenne o belo seria um valor de abertura<sup>5</sup>, mas o que significa instituir o belo como um valor? Para o autor, um valor

não é só o que é procurado, é aquilo que é encontrado: é o próprio de um bem, de um objeto que responde a algumas de nossas tendências e satisfaz algumas de nossas necessidades. A exigência de valor está enraizada na vida e o valor está enraizado em certos objetos. (DUFRENNE, 2004, p. 24)

E o que vale não vale em absoluto, mas em relação a um sujeito, ao sentir ou querer se satisfazer em um objeto. A questão valorativa, aqui nos parece contrastar com o sentido sartreano do termo, pois se antes era um sentido a ser escolhido, aqui podemos perceber que esse mesmo sentido é engendrado por outros aspectos, como a satisfação, qualidades objetivas e subjetivas, não apenas uma pura deliberação. Nesse sentido ao retomarmos o texto sartreano, percebemos que o mesmo não nega essas dimensões objetivas e subjetivas da arte e ainda nos lembra que os valores estéticos só se definem *a posteriori*, pela coerência da criação. Neste ponto, o belo, como um valor, aparece no texto de Dufrenne somente “quando a *práxis* cessa de ser utilitária” (*Ibidem*, p. 25), e homem, como um ser sensível, será receptivo e agente transformador de mundo, como se a realidade se proclamassem em um instante para ser significada e essa aptidão para significar aparece como uma tendência humana.

De modo geral, em Dufrenne as discussões da estética nos levam ao campo da fenomenologia da experiência estética, que “enfrenta diretamente a questão fundamental do surgimento da representação na presença: do nascimento do sentido”. (*Ibidem*, p. 26). Para o autor essa é a experiência que nos abre a presença do objeto, nos permitindo penetrar em seu sentido mais profundo. De acordo com Furtado (2009, p. 140)

Dufrenne trabalha o conceito de *a priori* afetivo como qualidade afetiva que povoam tanto o mundo quanto o sujeito. Esse *a priori* é o diferencial no processo de conhecimento, pois permite a transição de seu caráter lógico para caráter ontológico. O sentimento, vinculado à reflexão, num processo que não é anterior nem posterior, não se fecha sobre si mesmo, revela algo do objeto presente no sujeito, é formador.

<sup>5</sup> Constatação, que evidencia uma perceptível influência platônica nas ideias do autor.

Ainda segundo Furtado (2009, p. 140) “para Dufrenne, a obra de arte é constituída por três elementos: o trato com a matéria, a temática e a expressão” e essa estrutura irá remeter “à percepção de outros elementos que compõem a percepção estética: a presença, a representação e a reflexão” (*Ibidem*). Consideramos que a experiência estética, se configura como uma vivência extremamente rica e fecunda, para conjecturarmos formas de realizar a educação contemporânea, pois ela pressupõe a interrogação do objeto ao privilegiar o aspecto crítico. Neste caso especificamente, este objeto será uma obra de arte, isto por que de acordo com Dufrenne (2004), a arte privilegia a possibilidade de uma experiência estética. A experiência, a qual falamos, nesse sentido

é a instabilidade que engloba muitas dimensões além daquela da repetição como forma de refinar uma atitude, de não cometer o mesmo erro, mas de *lançar-se no vazio, abrir-se, arriscar-se e reconhecer-se cada vez mais inexperiente apesar de todas as experiências vividas no intuito de decifrar os enigmas do mundo* (FURTADO, 2009, p. 142 grifo nosso).

A experiência estética se torna então um meio de apreensão e permanente interrogação do objeto, essa experiência visa assegurar o valor das artes na educação e no processo educativo, pois ao exigir o trabalho crítico e interrogativo sobre as artes, nos leva a possíveis modos de compreensão destes objetos, que carregam em si sentidos subjetivos e significados ambíguos. A reflexão sobre a ambiguidade, as linguagens, tronam-se forma de provocar o pensamento positivo por meio da incerteza gerada a partir de uma possível interpretação de uma obra, que carrega com si aspectos tanto objetivos quanto questões subjetivas. Cremos que essa abordagem nos permita

pensar e instituir uma educação que se faça pelo humano, que vise formar não o homem útil, mas aquele que tem compromisso consigo e com todos ao mesmo tempo. Seres humanos que se façam perpetuamente vigilantes da proteção da vida, da liberdade, da política, da palavra, da livre associação de ideias e das práticas religiosas e culturais, enfim, dos direitos fundamentais do homem, componentes essenciais da dignidade humana. (ALMEIDA, 2019, p. 114)

Deste modo, ressaltamos a emergência de se conjugar as reflexões relativas ao campo da estética à educação. É certo que ficam em aberto uma série de questionamentos, mas antes, nosso objetivo neste texto se configura ainda como um esforço inicial, o qual pretendemos retomar com o intendo de nos aprofundarmos ainda mais nesta temática. No entanto, embora se trate de uma discussão ainda embrionária, somos capazes de afirmar que a reflexão sobre a estética envolve enfaticamente um esforço em compreender a própria experiência estética e os prováveis valores estéticos (que não abordamos no texto de forma plena) que remetem à própria cultura que os engendram, suscitando a necessidade de

questiona-la, portando de questionar a educação e seus propósitos, com vistas a superar uma formação fragmentada e buscar uma plena formação humana.

## Conclusões

Ao refletirmos sobre a necessária relação entre educação e estética neste texto, intentamos em primeira instância compreender a complexidade das questões educacionais, nos levando a considerar que a educação não está somente por dentro das paredes da escola, mas ocorre no seio de uma sociedade que por sua vez está inserida em uma cultura, cultura essa que não é estética ou monolítica. Portanto, pensar a educação exige que reflitamos sobre os aspectos culturais de uma sociedade, nesse sentido a discussão estética nos abre à possibilidade de investigarmos a cultura por meio das manifestações artísticas, que se tornam na experiência estética objetos estéticos.

A abordagem realizada no texto, buscou também esclarecer que a educação é uma *práxis* social. Consideração que nos permitiu compreender que a separação entre educação e cultura, segue por um limiar muito estreito e as duas estão intimamente relacionadas. Assim, após percebermos a pertinência da discussão estética, o que se seguiu foi justamente uma conceituação da própria estética, sendo esta, justamente um campo da filosofia. E é a pluralidade das discussões concernentes à estética, que nos impeliu à escolha de dois autores específicos.

No primeiro momento, ao retomarmos as questões sartreanas, evidenciamos que é na interação com o mundo e com o outro que nós nos fazemos humanos e nos tornamos o nosso ser, sem esse outro, que me diz quem sou, enquanto revela-se a si mesmo quem é, não poderia haver a constituição do humano e ser humano implica tomada de ação, fazer escolhas e intencionalmente por meio da linguagem e da troca, constituir uma realidade. Os textos de Sartre nos solicitam a pensar essas questões, e neste texto buscamos explorar a constatação de Sartre sobre as representações. Quando o autor reconhece que a sensação implica uma significação, somos levados a duvidar inclusive do próprio autor, Sartre não pretendeu engajar as artes, não do mesmo modo que defendia o engajamento do escritor.

A discussão com Sartre não se fecha, mas ao buscar em Dufrenne um outro olhar percebemos que se trata de uma questão um tanto complexa, pois a ambiguidade, neste ponto nos parece ser antes um aspecto do próprio ser humano. Apesar de Sartre enfatizar a literatura como forma de ação política e de engajamento, não nos parece certo relegar as demais artes a um nível inferior. Portando ao buscarmos na estética de Dufrenne uma

possível saída para essa questão, nos colocamos também diante um debate inconcluso, mas que revela, que a partir da experiência estética seríamos capazes de questionar as múltiplas possibilidades de interpretação de uma obra de arte, isso porque a mesma não é inteiramente objetiva, nem puramente subjetiva, assim cada obra se abre como um mundo a ser investigado.

Deste modo, podemos questionar as obras, nisso reside a possibilidade de conjugarmos as questões relativas à estética ao campo educacional, pois trabalhar com essa perspectiva nos demonstra que a arte é expressiva e que a experiência estética é formadora, pois exige crítica e reflexão e resgata o trabalho artístico como uma forma de expressão e ação política, como possibilidade de emancipação e constituição de autoformação.

### Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ºed. São Paulo, 2007.
- ALMEIDA, L. B. de. **Jean-Paul Sartre: a imaginação como modo de existir e de educar**. 158f, Goiânia, 2019.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COÊLHO, I. M.; GUIMARÃES, G. *Educação, escola e formação*. In: **Inter-Ação**, v. 37, n. 2, p. 323-339, jul./dez. 2012.
- COÊLHO, I. M. *Cultura e educação escolar: questão a ser pensada, realidade a ser inventada*. In: **Conferência de encerramento do XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano**. Universidade Federal de Goiás. Campus de Jataí – GO. 7 nov. 2008.
- COÊLHO, I. M. **Glossário de termos gregos**. Notas de aula, UFG, material digitalizado, (não publicado) 2009, 27p.
- DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FURTADO, R. M. M. *A experiência estética como experiência formadora*. In: COELHO, I. M. (Org). **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, pp. 139-161, 2009.
- JIMENEZ, Marc. **O que é a estética?** Trad. Fulvia M. L. Moretto, São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.
- SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada ensaio de ontologia fenomenológica.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

SARTRE, J.-P. **A imaginação.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2022.

SARTRE, J.-P. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

*Data da submissão: 30 Abr 2025.*

*Data do aceite: 01 Ago 2025.*



*Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).*